

Análise das formas verbais imperativas no português arcaico

(*Analysis of Imperative Verb Forms in Archaic Portuguese*)

Gisela Sequini Favaro¹

¹Departamento de Linguística – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

giselasfavar@gmail.com

Abstract: This research aims to map and analyze the imperative verbal forms in Archaic Portuguese (AP). The corpus is composed of Alfonso X's *Cantigas de Santa Maria*. The relevance of this research consists in analyzing the morphological structure of imperative verbal forms, which has not yet been studied regarding the verbal formation in AP. The main goal is to show whether the imperative morphological structure in AP already worked as an independent mood or not, as well as to help in understanding the history of the language, in the sense of elucidating some important facts of the linguistic past of Portuguese that can help to understand facts of its contemporary structure.

Keywords: Historical Linguistics; Imperative Mood; Archaic Portuguese.

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivos principais o mapeamento e a análise das formas verbais imperativas no português arcaico (PA). Serão considerados como objeto de estudo as formas do imperativo e o contexto em que estão conjugadas em PA. A metodologia para o desenvolvimento deste projeto é constituída pela coleta e análise dos dados nas *Cantigas de Santa Maria*. A relevância desta pesquisa reside, principalmente, em analisar a estruturação morfológica do imperativo, ainda não estudada no que se refere à constituição verbal da época medieval. Através deste trabalho, pretendemos mostrar se o imperativo no PA já funcionava como modo independente ou não, ajudando, dessa maneira, a compreender um pouco mais da história do idioma.

Palavras-chave: Linguística Histórica; Modo Imperativo; Português Arcaico.

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar o sistema verbal no Português Arcaico (PA) dos séculos XII-XIII, especificamente no que se refere às formas do imperativo. Para a realização deste estudo, serão consideradas como objeto as formas verbais imperativas ocorrentes no recorte temporal focalizado.

A relevância do tema desta pesquisa reside em seu ineditismo. Apesar de existirem diversos estudos sobre o período arcaico (cf. COUTINHO, 1958; SILVA NETO, 1952; SAID ALI, 1964; MATTOS E SILVA, 1989, 2001; MAIA, 1997 [1986]), não encontramos trabalhos que envolvam as mudanças morfológicas do imperativo no que se refere à constituição verbal da época medieval, na medida em que o que temos são apenas alguns comentários breves sobre a conjugação das formas verbais naquele período.

Assim, estudando a formação das conjugações verbais da língua portuguesa em seu estágio “inicial” (ou melhor, no estágio temporal em que primeiramente começa a ser referida com esse nome), poderemos contribuir para a observação de mudanças linguísticas que ocorreram na constituição do sistema verbal ao longo dos anos.

¹ Bolsista Capes de Doutorado.

Algumas considerações sobre o modo imperativo

As gramáticas tradicionais do português postulam que o imperativo possui formas próprias somente para a segunda pessoa do singular e segunda pessoa do plural. As demais pessoas são extraídas do presente do subjuntivo. O imperativo negativo não apresenta uma formação própria, sendo integralmente suprido pelo presente do subjuntivo, anteposta às formas verbais uma partícula de negação, sendo na maioria das vezes a partícula *não*.

Vendo a formação a partir de uma perspectiva histórica, verificamos que o uso do imperativo já era motivo de discussão desde o latim, no que diz respeito à sua formação. Lendo a *Gramática Superior da Língua Latina*, de Faria (1958), constatamos que o imperativo, no indo-europeu, era utilizado somente para exprimir uma ordem ou um pedido e não uma proibição. Segundo o autor, não havia o imperativo negativo na origem do latim, ou seja, ele não apresentava uma estrutura morfológica própria, tal como ainda encontramos hoje no português (FARIA, 1958).

Para suprir essa necessidade, Faria (1958, p. 382) afirma que era empregada a partícula negativa *ne* (na grande maioria dos casos) anteposta ao imperativo afirmativo. Existia também uma construção em que se empregava o infinitivo presente seguido do imperativo do verbo *nolo*, ou, ainda, o perfeito do subjuntivo era precedido de uma negação, sendo esta última construção muito comum no período clássico.

Faria (1958, p. 382) ainda ressalta que o presente do subjuntivo já era utilizado com a função de imperativo afirmativo na 3ª pessoa. De acordo com o autor, o subjuntivo presente pode ser empregado com valor de imperativo para dar ordem na terceira pessoa do imperativo positivo ou negativo, e na segunda pessoa somente no imperativo negativo (FARIA, 1958, p. 382).

Câmara Jr. (1976 [1970], p. 136) também afirma que no latim o subjuntivo estava associado ao modo imperativo, sendo esse último utilizado para dar ordens e proibições. De acordo com o autor, eram as formas do subjuntivo que supriam as pessoas que faltavam no imperativo: a 3ª pessoa (no tratamento do ouvinte nessa pessoa) e a 1ª pessoa do plural, quando o falante impõe a outras pessoas uma ordem ou tarefa.

Essa estrutura é válida, segundo Câmara Jr. (1976 [1970], p. 136), para as ordens. Em relação às proibições, caracterizadas pela partícula negativa diante do verbo, em todas as pessoas, as formas subjuntivas são obrigatórias. O autor, porém, faz uma ressalva dizendo que no latim clássico era utilizada a forma do pretérito perfeito em vez do subjuntivo para o imperativo negativo. O latim vulgar adotou o emprego do presente (imperfeito), por exemplo: lat. cl. *ne feceris*, lat.vulg. *non facias*, port. *não faça*s.

Outro aspecto interessante apontado por Câmara Jr. (1976 [1970]) é que desde o latim já existia uma fluidez em relação à concepção do uso do imperativo e do subjuntivo para expressar desejo. Segundo o autor, o uso deste era um modo delicado de dar uma ordem. Isso não ocorria somente no latim vulgar, mas também na linguagem culta coloquial. No Brasil é profunda a tendência a substituir o imperativo pelo indicativo presente, e o mesmo se observa nas proibições, em que também são assim substituídas as formas do subjuntivo (CÂMARA JR., 1976 [1970], p. 136).

Sobre a conjugação das formas do imperativo, Faria (1958) diz que o presente era conjugado apenas na segunda pessoa do singular e na segunda pessoa do plural. A respeito dessa última pessoa, Maurer Jr. (1959) afirma que era pouco utilizada, chegando até a

desaparecer. De acordo com autor, uma inovação mais importante do plural é a tendência para empregar a forma correspondente do indicativo em lugar do imperativo. “Na língua vulgar é especialmente a 2ª pessoa do plural que assim se emprega, a ponto de perder-se o imperativo antigo em diversas línguas românicas” (MAURER JR., 1959, p. 142).

A respeito do modo imperativo, Câmara Jr. (1964) diz que é utilizado para exprimir ordem, tendo relação com o presente e com o futuro. O autor ainda ressalta que as formas imperativas são apenas referentes às segundas pessoas, porém considera também a existência da terceira pessoa, devido ao que ele chama de “tratamento indireto”, e a primeira pessoa do plural, pois o falante pode se inserir na ordem expressa.

O autor também explica que a correspondência das formas do imperativo com a do presente do indicativo relativas a *tu*, na perspectiva histórica, provém do imperativo latino. A respeito dessa relação, Câmara Jr. (1964) declara ser aquele mais “agressivo”, e este usado para expressar ordens de forma mais indireta.

Já Pontes (1972), ao fazer sua análise sobre o modo, afirma que em português temos apenas o modo indicativo e o modo subjuntivo, não fazendo qualquer tipo de comentário sobre o modo imperativo. Porém, ao final de sua obra, a autora afirma que não temos mais o imperativo, mas uma extensão do uso do presente do indicativo.

Vilela e Koch (2001) definem que o modo imperativo, objeto de estudo desta pesquisa, é considerado uma forma semiconjugada, pelo fato de a maior parte das pessoas serem extraídas do subjuntivo. Segundo os autores, o valor do imperativo está pautado a toda situação comunicativa, uma vez que só pelo contexto saberíamos se está sendo usado para expressar imposição, conselho, etc.

Scherre (2002) também afirma que, quando os enunciados são dirigidos a mais de uma pessoa, a preferência é sempre pelas formas subjuntivas e não imperativas. A respeito da forma variante, a autora diz que o seu uso não acarreta nenhum tipo de problema para o falante, e a variação no uso do imperativo não distingue grupos sociais. Não existe estigma social associado ao uso do imperativo na forma indicativa ou na forma subjuntiva. As duas formas não são marcas de prestígio e nem são usadas como estereótipos do suposto mal falar (SCHERRE, 2002, p. 6).

Portanto, como pode ser visto, os trabalhos que tratam da mudança sofrida pelas formas verbais imperativas apresentam análises envolvendo dados mais recentes da língua. Mesmo nas gramáticas históricas, só é possível notar descrições da estrutura morfológica das formas verbais imperativas e em quais contextos elas eram aplicadas. Em nenhum momento temos uma análise mais detalhada envolvendo dados do estágio inicial da língua, a fim de averiguar se a situação que encontramos hoje, em relação à dúvida quanto ao imperativo ser um modo independente ou não, já ocorria no PA.

As Cantigas Medievais de Santa Maria

Segundo Parkinson (1998, p. 179), as *Cantigas de Santa Maria* (CSM) constituem um monumento literário, musical e artístico de mais elevada importância e sua escolha como objeto de estudo se dá devido à grande riqueza lexical que apresentam. Anglés (1943-1964) também afirma que o cancionero em louvor a Virgem é “el repertorio musical más importante de Europa por lo que se refiere a la lirica medieval”.

Ainda sobre a relevância das CSM, Pena (1992, p. 49) afirma que “as cantigas, acompanhadas das correspondentes notações musicais e tamén, nalgún dos códices dun amplo número de miniaturas, representan un legado dunha importância extraordinaria desde os apartados literatio, pictorio e musical”.

Sobre o espaço em que foram produzidas as CSM, Leão (2002, p. 1) afirma que foi em um ambiente de efervescência cultural que nasceram os textos poéticos. De acordo com Parkinson (1998, p. 179), a intenção dessa coletânea sempre foi a de louvar a Virgem e aumentar a devoção a ela. Por esse motivo, todas as cantigas são na verdade de louvor e exaltam a Mãe de Deus.

Filgueira Valverde (1985, p. 49) ressalta que diversos milagres marianos foram recolhidos de igrejas e santuários europeus, sobretudo franceses e ibéricos, e são de fonte confirmada e bem conhecida, mas muitos relatos ainda hoje são desconhecidos e provavelmente apenas orais. Ferreira (1994) também afirma que, do ponto de vista musical, as cantigas religiosas são especialmente notáveis entre a documentação remanescente de música medieval.

Ainda em relação ao local onde ocorriam as manifestações artísticas e culturais, Pena (1992, p. 23) ressalta que a poesia estritamente unida à música era no período da Idade Média um divertimento. O autor também declara que estamos diante de uma literatura oral que “atopa o seu obradorio, a súa <<fábrica>> nos pazos reais” (PENA, 1992, p. 24).

Sobre a temática abordada nas CSM, Pena (1992, p. 52) estabelece uma classificação. De acordo com o autor, encontramos as seguintes situações representadas nas cantigas: a) tradicionais: relatam um milagre muito popular e de ampla cronologia; b) históricas: referem-se a situações e acontecimentos sociopolíticos mais precisos; c) fantásticas: fazem referências a situações imaginativas; d) íntimas: estabelecem uma relação muito pessoal entre o protagonista e a Virgem; e) familiares: relata um milagre, uma situação especial que ocorre em um círculo próximo ao rei ao à sua família e amigos.

Para Pena (1992, p. 52), há uma variedade de temas e situações. Segundo o autor, “sentimentos complexos, escenas chocantes para a nossa mentalidade, milagres discutíveis pola súa propia textura [...] todo en favor dunha concepción mariana na que a Virxe aparece formando parte da nosa cotidianidade”.

A escolha das CSM como composição do *corpus* deste trabalho baseou-se no fato de esses textos fazerem parte da documentação escrita remanescente do período arcaico e por serem de natureza lírica, compondo os cancioneiros medievais portugueses. Mattos e Silva (2006, p. 36) afirma que os cancioneiros profanos e marianos “manifestam o galego-português literário da primeira fase português” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 37).

Para Mattos e Silva (2006), a documentação do PA é caracterizada pela variação, e não apenas pela variação gráfica, mas também pela variação na morfologia e na sintaxe. Segundo a autora, a variação gráfica pode trazer indícios de realizações fônicas conviventes e através da variação morfológica e sintática, podemos perceber possibilidades estruturais, que servem de indicadores para as mudanças que vierem a acontecer posteriormente no português.

Metodologia, apresentação e análise dos dados

A metodologia baseia-se no mapeamento das formas verbais do imperativo nas *Cantigas de Santa Maria*. Contamos também com glossários, vocabulários, dicionários, e especialmente com o glossário de Mettmann (1972), como auxílio na categorização das formas verbais. Abaixo, como ilustração, apresentam-se exemplos dos procedimentos de mapeamento dos dados nesta pesquisa:

(1)

Log' enton Santa Maria | a seu Fill' o Salvador
Foi rogar que aquel frade | ouvesse por seu amor
Perdon. E diss' el: "farey-o | pois end' avedes sabor
mas torn' a alma no corpo, | e **compra** ssa profisson. (CSM 14, v. 41-4)

(2)

A bõa dona se foi ben dali
a un' eigreja, per quant' aprendi,
de Santa Maria, e diss' assi:
"Sennor, **acorre** a tua coitada". (CSM 17, v. 55-58)

(3)

Chorando dos ollos mui de oraçon,
Ile diss': "Ai Sennor, **oe** mi oraçon [...]". (CSM 21, v. 15-16)

Após a coleta dos dados, foram analisadas as estruturas morfológicas das formas verbais imperativas encontradas comparando-as com a estrutura morfológica das formas verbais do presente do indicativo e do subjuntivo presentes no *corpus*, a fim de explicar se critérios, tais como ordem, presença ou ausência do sujeito e contextos relacionados a atos de fala (ordem ou pedido), podem ser utilizados para considerar uma forma imperativa ou não. Também foram analisadas as ocorrências de processos morfofonológicos durante a flexão verbal do imperativo nas formas mapeadas.

Para assegurar a produtividade das formas imperativas, os dados foram analisados morfológicamente levando-se em consideração seu contexto de aplicação. Essa metodologia também serviu para verificar se há ou não o uso de formas verbais variantes, funcionando como uma espécie de filtro para a categorização dos dados mapeados no *corpus*.

Foram coletadas 217 formas verbais conjugadas no modo imperativo. Desse total, 171 ocorrências estão conjugadas nas 2^app e 2^aps. Optamos por excluir de nossas análises as ocorrências mapeadas na 3^aps, 1^app e 3pp, pois essas pessoas são todas extraídas do presente do subjuntivo, o que já favorece o uso de uma estrutura morfológica específica e bem demarcada para expressar o modo imperativo.

Para averiguarmos se as formas verbais estavam conjugadas no modo imperativo ou se eram formas variantes, antes de analisarmos a presença ou a ausência do sujeito, realizamos a divisão dos dados em morfemas.

Devido à ocorrência significativa das formas verbais e por se tratar de verbos regulares que seguem um mesmo paradigma para a realização da flexão verbal, escolhemos

o verbo *levar* para representar a 2ªpp e o verbo *acorrer* (*acordar em, resolver, decidir*) para a 2ªps, mas o mesmo ocorre com outros verbos, tais como *leixar* (*deixar*), *nenbrar* (*lembrar*) e *gaannar* (*ganhar*), *dizer*, *cozer* (*cozinhar*), *salir* (*sair*), etc. Fazendo a representação morfológica das formas conjugadas desses verbos na primeira e na terceira pessoas, temos:

(4) Verbo *Levar* (PA) = (PB)

– Imperativo Gramatical: *levade*

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

lev	a	Ø	-de
-----	---	---	-----

– Presente do Indicativo: *levades*

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

lev	a	Ø	-des
-----	---	---	------

– Presente do Subjuntivo: *levedes*

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

lev	a (e)	Ø	-des
-----	-------	---	------

(5) Verbo *Acorrer* (PA) = *Acordar em, resolver, decidir*

– Imperativo Gramatical: *acorre*

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

acorr	e	Ø	Ø
-------	---	---	---

– Presente do Indicativo: *acorres*

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

acorr	e	Ø	-s
-------	---	---	----

– Presente do Subjuntivo: *acorras*

Radical/ Vogal temática/ Sufixo modo-temporal/ Sufixo número-pessoal

acorr	e (a)	Ø	-s
-------	-------	---	----

Observando os exemplos acima, podemos notar que todos apresentam ausência de sujeito, que está marcada com o morfema zero (Ø). Ressaltamos que, de acordo com Kehdi (2003, p. 47), para que haja presença do morfema zero é necessário que três condições sejam satisfeitas: 1) que o morfema zero corresponda a um espaço vazio; 2) esse espaço vazio deve opor-se a um ou mais segmentos; 3) a noção expressa pelo morfema zero deve ser inerente à classe gramatical do vocábulo examinado.

Ao realizar a divisão dos dados em morfemas observamos que as formas verbais mapeadas no *corpus* são quase idênticas às formas do presente do indicativo, contudo sem o *-s* final. Esse tipo de fenômeno ocorre, pois, quando formamos o imperativo, a segunda pessoa tanto do singular como do plural são extraídas do presente do indicativo e isso já acontecia desde o latim, como propõem Ernout (1945) e Faria (1958).

Não foram mapeadas ocorrências em que tivéssemos uma forma morfológica idêntica para representar o imperativo, o presente do indicativo e o presente do subjuntivo ao mesmo tempo. Ao compararmos a ocorrência com seu correspondente no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, vemos que cada forma mantém uma estrutura morfológica específica. Se tivéssemos formas variantes iríamos ter a mesma estrutura morfológica.

Levando em consideração o contexto em que os dados aparecem, há diversos elementos que nos permitem afirmar que não se trata de formas variantes, mas sim de formas conjugadas no imperativo.

Entre os itens que podem auxiliar nessa investigação acerca das formas verbais imperativas, destacamos a presença ou a ausência de sujeito nas frases. Todas as ocorrências mapeadas foram analisadas e investigamos o contexto em que as formas verbais estão inseridas. Para representar nossas análises escolhemos duas formas verbais. As demais podem ser visualizadas no apêndice, ao final deste trabalho.

Nas CSM foram mapeadas três ocorrências com o verbo *levar* conjugado na 2ªpp e três com o verbo *acorrer* flexionado na 2ªps. Veja abaixo as estrofes com os dados:

(6)

Pois chegaram, rogou-lles muito chorando dos ollos seus,
dizendo: “**Levade**-me voc’, ay, amigos meus!”. (CSM 5,v.141-142)

[...] e dizian assi: “Varões, **levade**
e a Santa Maria loores **dade**”. (CSM 134, v.45-46)

E logo tan toste o meiryngo
disse: “Varões, **levade**-a já
fora da vila cab’ o camião [...]” (CSM 255, v.98-100)

(7)

“Sennor, **acorre** a tua coitada” (CSM 16,v.58)

E chorando e tremendo | diss’: “Ai, Virgen groriosa,
acorre-m’ a esta coita | tu que es tan piadosa
que acorre-los coitados; | poren, Sennor preciosa,
fais que est’ erro que fige | que cáia en obridança”. (CSM 303, v.30-33)

Mais pois entrou na ygreja | daquesta Santa Reynna,
chorando muit’ e dizendo: | “Se[n]or, **acorre**-m’ aginna [...]” (CSM 357, v.16-17)

Fazendo a divisão sintática dos elementos acima, encontramos a seguinte situação:

(8)

Pois chegaron, rogou-lles muito chorando dos ollos seus,
dizendo: “**Levade**-me voc’, ay, amigos meus!”. (CSM 5,v.141-142)

Sujeito: Ø

Predicado: **Levade**-me voc’, ay, amigos meus

Vocativo: Ø

[...] e dizian assi: “Varões, **levade**
e a Santa Maria loores **dade**”. (CSM 134, v.45-46)

Sujeito: Ø

Predicado: **levade** e a Santa Maria loores dade

Vocativo: Varões

E logo tan toste o meiryngo
disse: “Varões, **levade**-a já
fora da vila cab’ o camño [...]” (CSM 255, v.98-100)

Sujeito: Ø

Predicado: **levade**-a já fora da vila cab’ o camño [...]

Vocativo: Varões

(9)

“Sennor, **acorre** a tua coitada” (CSM 16,v.58)

Sujeito: Ø

Predicado: **acorre** a tua coitada

Vocativo: Sennor

E chorando e tremendo | diss’: “Ai, Virgen groriosa,
acorre-m’ a esta coita | tu que es tan piadosa
que acorre-los coitados; | poren, Sennor preciosa,
fais que est’ erro que fige | que cáia en obridança”. (CSM 303, v.30-33)

Sujeito: Ø

Predicado: **acorre**-m’ a esta coita

Vocativo: Ai, Virgen groriosa

Mais pois entrou na ygreja | daquesta Santa Reynna,
chorando muit’ e dizendo: | “Se[n]or, **acorre**-m’ aginna [...]” (CSM 357, v.16-17)

Sujeito: Ø

Predicado: **acorre**-m’ aginna [...]

Vocativo: Se[n]nor

Nos exemplos acima, o morfema zero ocupa um espaço vazio, ou seja, a posição que deveria ser ocupada pelo sujeito. Em relação à posição do sujeito em PA, Mattos e Silva (1993, p. 123) declara que, perdidas as marcas flexionais que indicavam o caso ou função sintética dos sintagmas nominais, o português, e outras línguas românicas, passou a ter uma ordem sintática mais fixa.

Considerações finais

Com este trabalho foi possível constatar que, na época medieval, existiam duas formas diferentes para o presente e o imperativo, cada uma com sua estrutura morfológica bem demarcada. Porém, nos dias de hoje, com a substituição de *tu* e *vós* por *você(s)*, há apenas uma forma, o que pode estar ocasionando a perda da distinção do imperativo e do indicativo e subjuntivo enquanto modo.

É muito habitual encontrarmos essa situação nas gramáticas escolares atuais, porém, de acordo com Cunha e Cintra (1985, p. 282), esse modelo não é aplicado ao PB atual falado e escrito. Os autores consideram o pronome “*você*” como de tratamento de segunda pessoa do discurso, utilizada para as pessoas com quem se fala.

Faraco (1982, p. 205), a respeito dessa mudança no paradigma verbal do PB, afirma que as formas *tu* e *vós* estão se tornando obsoletas e “*in the terms of Brazil [...] we can say that the normal paradigm of the verbal conjugation in the traditional grammars does not describe the present state of the language*” [Tratando-se do Brasil, por conseguinte, podemos dizer que o paradigma normal da conjugação verbal na gramática tradicional não descreve o estado atual da língua].

Portanto, como pode ser visto, os trabalhos que tratam da mudança sofrida pelas formas verbais imperativas apresentam análises envolvendo dados mais recentes da língua. Mesmo nas gramáticas históricas, só é possível notar descrições da estrutura morfológica das formas verbais imperativas e em quais contextos elas eram aplicadas.

REFERÊNCIAS

CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1976 [1970].

_____. *Dicionário de filologia e gramática referente à língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1964.

COUTINHO, I. L. de. *Gramática Histórica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1985.

ERNOUT, A. *Morphologie Historique du Latin*. Paris: C. Klincksieck, 1945.

FARACO, C. A. *The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. 1982. Tese (Doutorado) – University of Salford, 1982.

FARIA, E. *Gramática superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FERREIRA, M. P. *The Stemma of the Marian Cantigas: philological and musical evidence*. *Bulletin of the Cantigueiros de Santa Maria*, Cincinnati, n. 6, p. 58-98, 1994.

FILGUEIRA VALVERDE, J. Introducción. In: *Alfonso X el Sabio. Cantigas de Santa María*. Códice Rico de El Escorial. Madrid: Castalia, 1985. p. XI-LXIII.

KEHDI, V. *Morfemas do Português*. São Paulo: Ática, 2003.

LEÃO, Â. V. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. Ensaios – Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/fale/pos/ail/leao01.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2005.

- MAIA, C. *História do Galego-Português*. 2. ed. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1997. (Reimpressão da edição do INIC – 1986)
- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1989.
- _____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993
- _____. *O Português Arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAURER JUNIOR, T. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- METTMANN, W. Glossário. In: *AFONSO X, O SÁBIO. Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Universidade, 1972. v. IV.
- PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das questões textuais. In: *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, 1998. p. 179-205.
- PENA, X. R. *Literatura Galega Medieval*. Santiago de Compostela: Gotelo Blanco, 1992.
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Brasília: UnB, 1964.
- SCHERRE, M. M. P. Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: BAGNO, M. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- SILVA NETO, S. da *História da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952.
- VILELA, M.; KOCH, I. V. *Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática de texto*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.